

# Petróleo que nada!

Água é o verdadeiro recurso estratégico do século XXI

Em 1848, Karl Marx anunciava que o espectro do comunismo rondava a Europa. Quase 160 anos depois, outro espectro ronda não apenas os europeus, mas toda a Humanidade. E o pior é que ao contrário de um passado não muito distante, esta ameaça não vem armada até os dentes, mas pode ser tão ou mais devastadora como as armas mais modernas criadas pelo Homem. Com o perigo que nos ronda, os cientistas do complexo industrial militar poderão em breve estar desempregados, pois seus vírus e bactérias letais vão parecer brincadeira de criança frente ao poder destrutivo que quase 1,1 bilhões de seres humanos (cerca de 20% da população mundial) já estão enfrentando nos quatro cantos do mundo. Numa combinação sinistra, uma das principais consequências das mudanças climáticas que estão ocorrendo neste momento é aumentar ainda mais o poder destrutivo deste monstro. Mas de que monstro falo eu? Ora, meu caro Watson, falo do esgotamento acelerado das reservas de água doce! Esta revelação pode até colocar por terra a atenção conseguida no meu preâmbulo, mas insisto que não estou exagerando. Acredito que estamos mesmo sob um perigo semelhante ao que extinguiu os dinossauros, pois, afinal, a falta de água de boa qualidade é hoje responsável por mais de 5 milhões de mortes anualmente. Isto representa um valor dez vezes superior ao número de mortos em todos os conflitos armados ocorrendo no momento.

Mas como chegamos a esta situação tão dramática, e que nos coloca diante de enormes desafios para que possamos reverter um quadro tão dramático sem que tenhamos muito tempo para conseguir isto? Uma explicação simplista coloca a culpa no crescimento exponencial da população humana que ocorreu nos últimos 150 anos. Esta explosão populacional teria colocado nossos recursos hídricos sob uma pressão sem precedentes, especialmente por

causa dos pobres que os usariam sem o devido cuidado. Esta visão é não apenas preconceituosa contra os pobres, como também aponta o dedo na direção errada. Afinal, apenas 9% da água que é consumida serve diretamente para saciar nossas diferentes necessidades individu-

guas. E para piorar ainda mais esta situação, esta agricultura que demanda e contamina não tem sido capaz de resolver a promessa que justificou a sua ascensão que foi a erradicação da fome no mundo. Assim, temos hoje uma combinação terrível de fome com sede em vas-

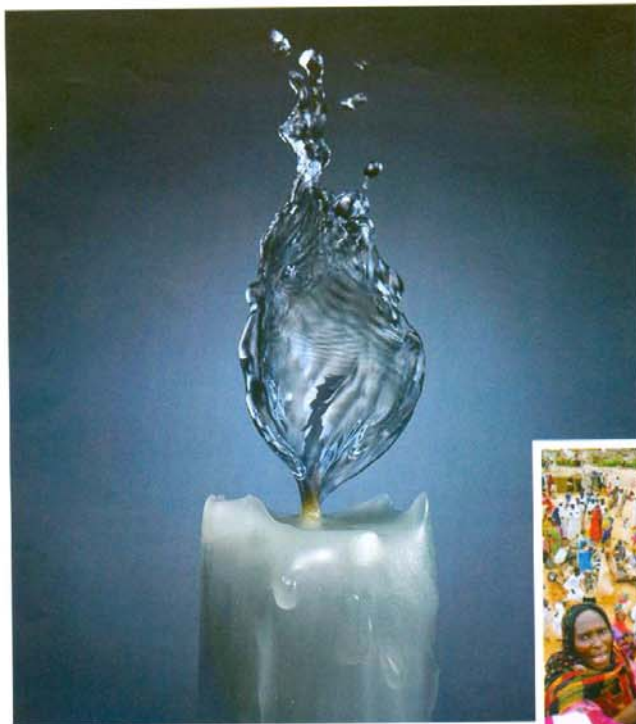
das as condições básicas de infra-estrutura urbana, como saneamento básico e controle de efluentes tóxicos. Uma prova de que estamos chegando, mesmo aqui em Campos, a uma situação alarmante é a crescente contaminação do lençol freático por contaminantes químicos e biológicos que são lançados sem tratamento em nossos rios, lagoas e canais. Esta situação torna, por exemplo, proibitivo o uso de água de poços rasos; coisa que há poucas décadas seria inimaginável.

E o que nos resta fazer? Ainda que as óbvias cobranças por controlar desperdícios dentro de nossas casas não possam nem devam ser desprezadas, creio que o importante é exigir que aqueles que mais consomem e poluem

comecem não apenas a pagar mais para poder continuar usufruindo do líquido precioso, como também mudem urgentemente suas práticas que, afinal, estão no centro desta crise. As condições tecnológicas para que empreendi-

mentos industriais e agrícolas usem melhor e consumam menos já existem. Resta a nós, enquanto sociedade organizada, cobrar ações políticas para que estes setores assumam as devidas responsabilidades. Senão, resta assistir à TV e prestar bem atenção nas matérias sobre Darfur, aquela região no sul do Sudão onde todas as pragas do mundo parecem ter se encontrado. Afinal, se nada for feito, Darfur logo estará aqui!

Marcos Pedlowski, PhD em Planejamento Regional pela Virginia Tech, Professor do Laboratório de Estudos do Espaço Antrópico, Centro de Ciências do Homem, UENF.



ais. O restante do consumo ocorre nas atividades industriais e na agricultura, dentro de um modelo orientado pelos altos níveis de consumo existentes nos países ricos. É importante frisar que este consumo tão desproporcional é normalmente ocultado quando se fala na crise hídrica por que passamos.

Mas é fato que o avanço tecnológico na agricultura, na segunda metade do século passado, tornou este segmento produtivo um usuário ávido de água, responsável por 69% do consumo. O pior é que a inserção de pacotes tecnológicos baseados na aplicação de fertilizantes químicos e agrotóxicos torna as monoculturas agrícolas um duplo vilão: incentivam um alto consumo (não raramente caracterizado por um nível excessivo de desperdício), e contaminam e salinizam nossas

partes da África e da Ásia, e mesmo da América Latina.

No caso específico do Brasil, temos sinais para preocupação aparecendo em várias partes do nosso país. O problema da seca que antes era reservada às partes mais áridas do sertão nordestino e do extremo norte de Minas Gerais, agora aparece cada vez mais regularmente até na bacia Amazônica. Além disso, como estamos nos tornando um paraíso para várias monoculturas que servem apenas aos mercados internacionais, temos vários sinais da mesma combinação perversa de escassez e contaminação está se alastrando pelo país afora. Esta pressão sobre nossos recursos hídricos é agravada pelo inchaço de nossas cidades, que hoje concentram a maior parte da população, sem que tenham sido cria-